



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

MÁRCIO GONÇALVES LEAL

GAVIÃO VAQUEIRO: O BOM LADRÃO DA FLORESTA DE ASSIS BRASIL:
JORNADA E REPRESENTAÇÃO BÍBLICA

PICOS-PI
2024

MÁRCIO GONÇALVES LEAL

***GAVIÃO VAQUEIRO: O BOM LADRÃO DA FLORESTA DE ASSIS BRASIL:
JORNADA E REPRESENTAÇÃO BÍBLICA***

Artigo Científico apresentado à disciplina Prática de Pesquisa em Letras II, do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras/Português.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho.

PICOS-PI

2024

MÁRCIO GONÇALVES LEAL

***GAVIÃO VAQUEIRO: O BOM LADRÃO DA FLORESTA DE ASSIS BRASIL:
JORNADA E REPRESENTAÇÃO BÍBLICA***

Artigo Científico apresentado à disciplina Prática de Pesquisa em Letras II, do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Barros Araújo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras/Português.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho.

Aprovação em: 19 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho
Universidade Estadual do Piauí
(Presidente da Banca)

Profa. Ma. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Universidade Estadual do Piauí
(1ª Examinadora)

Profa. Dra. Mônica Maria Feitosa Braga Gentil
Universidade Estadual do Piauí
(2ª Examinadora)

PICOS-PI

2024

Para todos aqueles que fazem meus dias nesse mundo valerem a pena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus pela sua infinita bondade e misericórdia, sem Ele eu não conseguiria concretizar a realização desse sonho, a Sua poderosa mão foi meu suporte e abrigo nos momentos difíceis. Nessa caminhada acadêmica pude aprender e desenvolver minhas habilidades, tudo isso devo aos meus mestres, em especial a minha professora orientadora Eliana Pereira de Carvalho, que me incentivou e acolheu com seu doce coração. Agradeço também aos meus pais Maria Antônia e Francisco, que desde criança me ensinaram a importância do estudo e da dedicação para alcançar nossos objetivos, aos meus outros familiares e amigos por me apoiarem com sua torcida e carinho, principalmente à minha grande amiga e colega de curso Jozirene, uma pessoa especial e iluminada, que foi minha dupla em vários trabalhos acadêmicos e vivenciou comigo as experiências mais lindas e desafiadoras oferecidas pela universidade. Ao concluir esse ciclo não me resta outra palavra a não ser Gratidão. É como diz um sábio provérbio francês: “A gratidão é a memória do coração”.

“No encontro com a Literatura (ou a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade”.

Nelly Novaes Coelho

GAVIÃO VAQUEIRO: O BOM LADRÃO DA FLORESTA DE ASSIS BRASIL: JORNADA E REPRESENTAÇÃO BÍBLICA

Márcio Gonçalves Leal¹

Eliana Pereira de Carvalho²

RESUMO

A literatura infantojuvenil apresenta os fundamentos que constituem a sociedade de maneira lúdica, envolvendo as crianças e jovens, despertando ideias de forma significativa e leve, facilitando a assimilação e a compreensão do mundo social. O trabalho com esse ramo literário torna-se desafiador e intrigante, proporcionando que mais estudos dentro desse campo sejam desenvolvidos. Assim sendo, este trabalho é uma pesquisa de cunho bibliográfico, que utiliza o método comparativo para evidenciar seu objetivo geral, que é analisar a obra da literatura infantojuvenil *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, de Assis Brasil, a partir da jornada do herói de Joseph Campbell, em paralelo a um estudo comparativo do protagonista com a representação bíblica de Jesus Cristo na tentação do deserto. Para a fundamentação teórica, utilizamos autores como: Souza (1992), Cunha (2003), (Von Franz, 1981) entre outros. Ao analisar as obras fica vigente que o esquema narrativo de Campbell e o episódio bíblico sinalizado acima, se relacionam com a obra infantojuvenil criada pelo escritor piauiense Assis Brasil.

Palavras-Chave: Literatura Infantojuvenil. Comparativismo literário. Gavião Vaqueiro. Assis Brasil.

¹ Graduando (a) em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Campus Professor Barros Araújo - Picos.

² Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Campus Professor Barros Araújo - Picos. Doutora em Letras pela UERN. E-mail: elianapereira@pcs.uespi.br, Lattes iD: <https://lattes.cnpq.br/7493725889289708>.

ABSTRACT

Children's literature presents the foundations that constitute society in a playful manner, involving children and young people, awakening ideas in a meaningful and light-hearted way, facilitating the assimilation and understanding of the social world. Working with this literary branch becomes challenging and intriguing, allowing for more studies within this field to be developed. Therefore, this work is bibliographic research, which uses the comparative method to highlight its general objective, which is to analyze the children's literature work *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, by Assis Brasil, based on Joseph Campbell's hero's journey, in parallel with a comparative study of the protagonist with the biblical representation of Jesus Christ in the temptation of the desert. For the theoretical foundation, we used authors such as: Souza (1992), Cunha (2003), (Von Franz, 1981) among others. When analyzing the works, it becomes clear that Campbell's narrative scheme and the biblical episode highlighted above are related to the children's work created by the Piauí writer Assis Brasil.

Keywords: Children's Literature. Literary Comparativism. *Gavião Vaqueiro*. Assis Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A literatura amplia o conhecimento de mundo daquele que bebe da sua fonte, contribuindo como uma ferramenta facilitadora no processo da constituição deste. A literatura para crianças e jovens, em sua essência, tem o poder de transformar o indivíduo em alguém ativo, reflexivo e crítico, capaz de compreender o mundo do qual faz parte, podendo até mudar aquilo que acontece a sua volta. Dessa forma, ela se transforma em um objeto cultural que motiva e desafia.

No momento em que discutimos sobre literatura infantojuvenil, não estamos apenas nos referindo ao seu uso como uma ferramenta para ensinar a ler e a escrever, mas como um meio real de aprendizagem e desenvolvimento para o indivíduo, que deve e pode ser utilizado como uma prática educacional. Assim sendo, a literatura infantil e juvenil proporciona ao jovem leitor experimentar vivências através da representação de mundos, em que é possível refletir, comparar, questionar, aprender valores, investigar, transformar, imaginar, se divertir, se emocionar, amadurecer, viver, desenvolver a sensibilidade estética e, além da expressão linguística, adquirir cultura, diferentes perspectivas de mundo e muito mais. (BRAGATTO FILHO, 1995).

Existem livros da literatura infantojuvenil que apresentam questões relacionadas à sociedade como diferenças que dizem respeito a raça, classe, sexo, competências, dentre outras. Nas obras da literatura voltada para crianças e jovens, é comum seus autores manifestarem as ideias dos adultos, clareando o que a criança ou jovem pode ser e pensar (CADEMARTORE, 2010). Isso implica que se deve ter cautela no uso desses livros, para que as crianças não só venham a reproduzir aquilo que os adultos pensam e a forma como agem, mas também que as obras destinadas para esse público as auxiliem na constituição de seus próprios conceitos relacionados ao mundo, na compreensão da diversidade presente na sociedade, para além dos valores que ela impõe. A literatura destinada para esses indivíduos desempenha um papel importante na disseminação dos valores culturais de uma sociedade e possui uma longa história que foi construída ao longo dos anos.

A literatura infantojuvenil tem se transformado, em grande parte devido ao surgimento de novas tecnologias para a produção e distribuição de textos, além das novas configurações sociais e culturais que estão surgindo no contexto atual. No processo de criação, muitos autores dessa literatura valorizam as representações visuais, as brincadeiras envolventes, os passatempos e entretenimentos, as canções,

enfim, tudo que complementa o texto. Tudo aquilo que humaniza o ser humano, sua interação com o próximo e seus sentimentos. Assis Brasil, como escritor literário, não poderia, portanto, furtar-se a também se interessar por tais questões.

A aspiração por trabalhar com a literatura infantojuvenil foi despertada através da disciplina de mesmo nome no curso de Letras Português, basicamente por conta de um seminário que foi apresentado. Vários sentimentos transbordaram em decorrência desse acontecimento. Torna-se relevante destacar que a forma como percebemos o mundo começa na nossa infância e se desenvolve à medida que amadurecemos pessoal e intelectualmente. É nesse período que a leitura se torna um dos aspectos mais importantes em nossas vidas, pois nos leva a refletir e analisar a realidade em que vivemos e a pessoa que somos.

Diante daquilo que foi exposto, para a produção deste trabalho, foi realizada a escolha do livro de Assis Brasil: *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, com o auxílio de textos complementares como: *O Herói de Mil Faces* de Joseph Campbell e alguns versículos dos livros de Lucas, Marcos e Mateus, presentes no Novo Testamento e que fazem parte da Bíblia Sagrada. A obra objeto de estudo deste trabalho, juntamente com os textos mostrados foram escolhidos por conta do interesse pela literatura infantojuvenil e a curiosidade sobre como ela pode ser relacionada a diferentes textos e perspectivas.

Esse trabalho foi conduzido seguindo o formato de um estudo bibliográfico, que envolve a revisão da literatura relacionada ao assunto abordado. Para isso, foram consultados livros, artigos, revistas e sites da internet. Segundo Boccato (2006), a pesquisa bibliográfica procura reunir e analisar de forma crítica os documentos publicados sobre o assunto a ser pesquisado, com o objetivo de atualizar, desenvolver o conhecimento, além de contribuir para que a pesquisa seja realizada.

Esse tipo de pesquisa é um procedimento metodológico fundamental no desenvolvimento do conhecimento científico, podendo gerar, principalmente, em assuntos que não são muito explorados, a formulação de hipóteses ou interpretações que serão utilizadas como ponto de partida para pesquisas futuras.

Além disso, foi necessário o uso do método comparativo no que concerne a obra aqui tida como objeto de estudo, em relação aos textos bíblicos que narram a tentação de Cristo no deserto. O referido método consiste em examinar pessoas,

classes, fatos ou fenômenos, com o objetivo de destacar as diferenças e semelhanças entre eles. Sua ampla aplicação nas ciências sociais se deve à sua capacidade de permitir o estudo comparativo de grandes grupos sociais, que estão separados no espaço e no tempo. (GIL, 2002, p. 16-17).

O objetivo principal deste trabalho é analisar a obra da literatura infantojuvenil *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, de Assis Brasil (2008), a partir da jornada do herói de Campbell, em paralelo a um estudo comparativo do protagonista com a representação bíblica de Jesus Cristo na tentação do deserto.

Conforme Nitrini (2015), a Literatura Comparada, como uma disciplina que possui autonomia, busca compreender como as diferentes literaturas se relacionam entre si, tanto em termos de inspiração, na forma, conteúdo e estilo, acompanhando o processo de desenvolvimento de cada uma delas.

A Literatura Comparada é atrativa devido a sua capacidade de proporcionar uma liberdade de interpretação, levando em consideração suas aptidões simbólica, histórica e artística, por meio do contato com o texto que a opera.

Mediante esse fator comparativo e relacional, o presente trabalho busca mostrar como uma obra de um determinado ramo literário, pode se conectar com outros textos literários e/ou teóricos por meio de aspectos circunstanciais presentes na sua escrita, sendo um desses textos de viés religioso, dessa forma, mesmo sendo criados e apresentados em diferentes contextos, percebamos que conseguem ter pontos de semelhança entre si.

A seguir será abordado o Referencial Teórico deste trabalho, mostrando os autores que contemplam o corpus a partir do qual a pesquisa foi realizada, na sequência será feita uma pequena contextualização da obra principal desse estudo, juntamente com os textos complementares que promovem o objetivo principal dessa pesquisa, sendo este abordado no décimo parágrafo dessa seção, em seguida será realizada a análise do corpus estudado e por fim serão expostas as considerações finais.

2 NOÇÕES SOBRE LITERATURA INFANTOJUVENIL

A leitura, conforme afirma Souza (1922, p. 22), é essencialmente o ato de perceber e dar significado ao mundo por meio da combinação de fatores pessoais como a ocasião, o lugar e as circunstâncias. O ato de ler passa a ser a interpretação de uma percepção que está sob a influência de um contexto específico, isso leva o sujeito a um entendimento particular daquilo que conhecemos por realidade. No universo da leitura, os textos literários, nas palavras de Frantz (1997), têm uma função especial e única no contexto educacional: eles combinam informação com o prazer que se encontra no jogo, envolvendo razão e emoções em uma atividade completa, cativando o leitor por inteiro e não somente em sua esfera cognitiva. Neste tópico, nossa intenção é discorrer sobre a literatura infantojuvenil, destacando suas origens com Charles Perrault e os irmãos Grimm, o surgimento do gênero no contexto brasileiro e a atuação de Assis Brasil no tocante ao público infantojuvenil do Piauí para o restante do Brasil.

2.1 Literatura Infantojuvenil: História

Ao entender a relevância da leitura, pode ser destacada a literatura destinada ao público infantojuvenil, já citada anteriormente, sendo ela uma categoria dentro do campo literário e escolhida para ser abordada neste artigo. Para Cunha (2003), a literatura infantil consiste em livros que possuem a habilidade de despertar emoção, identificação, interesse, fantasia, prazer e entretenimento nas crianças. Essa literatura teve início com as adaptações de histórias folclóricas, das quais surgiram os contos de fadas, que raramente eram direcionados especificamente para crianças.

Ela nasceu entre os séculos XVII e XVIII com Charles Perrault e a publicação de sua obra *Contos da Mamãe Ganso*, em 1697, além de seus famosos contos de fadas: *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela*, que eram adaptações de lendas e contos da Idade Média com um propósito moralizante. É nesse período que a criança começa a ser levada em consideração em termos de suas características específicas e suas diferenças em comparação aos adultos, pois antes disso não eram vistas como tais.

Em termos de literatura infantojuvenil, os Irmãos Grimm, Jacob Ludwing Carl Grimm e Wilhelm Carl Grimm, ficaram conhecidos, tornando-se responsáveis por promover de maneira extensa os contos de fadas, além disso recontaram algumas histórias que já haviam sido publicadas por Charles Perrault.

Mais de um século separa os Grimm de Perrault e os tempos são outros. Os folcloristas alemães, já na era do Romantismo, davam um estilo mais suave a suas histórias, amenizando a violência e a crueldade expressas com mais veemência nas coletâneas de Perrault (PAIVA, 1990, p. 26).

Os contos dos irmãos Grimm inicialmente divulgados continham excesso de violência. “Eles escreveram os contos de forma literal, como eram narrados pelas pessoas da região, mas mesmo assim, em algumas ocasiões, não conseguiram resistir a misturar um pouco as versões” (VON FRANZ, 1981, p. 19). Porém a partir de modificações realizadas, os contos dos Grimm começaram a promover valores morais cristãos, como o amor, por exemplo. Em suas histórias, é constantemente ressaltado que os indivíduos de boa índole são recompensados, já os maus recebem punição, isto é, no final, o bem sempre triunfa sobre o mal. Os contos de fadas auxiliavam as pessoas, proporcionando-lhes uma oportunidade de expressar suas emoções, aliviando uma tensão interna e libertando-os de certos sentimentos.

No ocidente, a literatura infantil começou a ser direcionada às crianças com o advento da Modernidade, refletindo uma mudança na forma como a sociedade percebia a infância. Embora algumas obras literárias tenham surgido ao longo da história em outros formatos, foram os contos que deixaram uma marca importante na literatura voltada para o público infantil e juvenil. Assim, essas narrativas foram moldadas e reformuladas tanto para crianças quanto para adultos. Através da tradição oral, novos elementos e adaptações apareceram, tornando essas histórias ainda mais significativas.

É curioso notar que, mesmo após um século, as histórias dos Irmãos Grimm e as de Perrault ainda apresentam muitas semelhanças. Ambas as narrativas revelam um contexto histórico e têm a intenção de transmitir crenças que devem ser respeitadas e seguidas por todos na comunidade.

2.2 Literatura Infantojuvenil no Brasil

No final do século XIX, diversos fatores se unem para criar a imagem do Brasil como um país em processo de modernização. Destacam-se a abolição do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana, além da incorporação gradual de imigrantes na paisagem urbana. À medida que essas massas urbanas começam a formar um público consumidor de produtos culturais, observa-se que o conhecimento adquirido por meio da leitura ganha grande relevância no novo modelo

social que surge, fazendo com que a escola desempenhe um papel essencial na transformação de uma sociedade rural em urbana.

Os livros infantis e escolares surgem como elementos complementares nesse processo, sendo dois gêneros que se fortalecem por meio das diversas campanhas de alfabetização promovidas por intelectuais, políticos e educadores, com o objetivo de criar espaço nas letras brasileiras para uma produção didática e literária voltada especificamente para o público infantil.

No Brasil, até o final do século XIX, toda a literatura feita para crianças e jovens disponível no mercado era importada, principalmente traduções realizadas em Portugal. Não existiam editoras aqui e os autores tinham seus textos impressos no continente europeu. A partir do século XX, existe uma resposta nacional, quando a primeira obra destinada às crianças é escrita e produzida no Brasil, *Contos da Carochinha*, de Alberto Figueiredo Pimentel, que por sua vez, procurou ter inspiração nas tradições presentes na Europa para realizar a escrita da história, deixando de lado aquilo que o Brasil trazia em sua cultura. No entanto, é com Monteiro Lobato que se inicia a verídica literatura infantil brasileira. No ano de 1921, ele lança *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que foi um sucesso de vendas. Marisa Lajolo e Regina Zilberman nos fazem enxergar isso:

Desde seu primeiro livro para crianças, *Narizinho Arrebitado*, Monteiro Lobato fixa o espaço e boa parte do elenco que vai ocupá-lo e ocupar-se em aventuras de todo tipo: é o sítio do Pica-pau Amarelo, propriedade de Dona Benta, que vive originalmente acompanhada de sua neta, a menina Lúcia, conhecida por Narizinho, e de uma cozinheira antiga e fiel, Tia Nastácia. Trata-se de uma população pequena para preencher um cenário tão grande, mas as personagens multiplicam-se rapidamente com a inclusão de outros seres humanos (Pedrinho), seres mágicos (os bonecos animados Emília e Visconde), animais falantes (o porco Rabicó, o burro Conselheiro e o rinoceronte Quindim), sem falar dos eventuais seres aquáticos, habitantes do Reino das Águas Claras, localizado nas cercanias do sítio, ou dos visitantes mais ou menos habituais, como Peninha, o Gato Félix ou o Pequeno Polegar (LAJOLO E ZILBERMAN, 1985, p.55).

A razão do grande sucesso de Monteiro Lobato entre o público infantil reside na forma natural como a magia era incorporada nas situações descritas em um ambiente familiar e afetuoso. Tudo isso encantava os pequenos leitores, criando uma realidade que mesclava elementos reais e maravilhosos. Monteiro Lobato se destaca como um intelectual que quebra os padrões tradicionais da Literatura Infantil, que, até

aqui, tinha como preocupação tratar da moral, além dos preceitos religiosos, fazendo assim com que a formação da consciência crítica fosse despertada.

A literatura infantojuvenil no Brasil, nas últimas décadas do século XX, será tomada por um desenvolvimento explosivo e repentino que trará à cena autores como Ziraldo Alves Pinto, ou simplesmente Ziraldo. O escritor se destaca pela já então reconhecida obra *O Menino Maluquinho* (2006). Ele, assim como Monteiro Lobato, é outro nome da literatura infantojuvenil brasileira que possui um relevante papel na história desse ramo literário no Brasil. Na sua principal obra ele destaca o personagem como uma criança comum, podemos perceber isso no fragmento a seguir:

E chorava escondido se tinha tristezas e ficava sozinho brincando no quarto semanas seguidas fazendo batalhas, fazendo corridas, desenhando mapas de terras perdidas, inventando estrelas e foguetes espaciais [...]. (ZIRALDO, 2006, p. 59-64).

Por meio do exposto, observamos que sua obra transcende a questão lúdica, porque há uma conexão com o real presente na vivência de uma criança. Além do mais, as ações narradas fluem da própria criança, que adquire protagonismo na obra. Sobre suas criações, o trecho a seguir destaca com clareza, aquilo que elas trazem ao leitor:

[...] as histórias infantis de Ziraldo, 'jamais criadas para ensinar algo, sem essa pretensão!' ressalta ele. Mas ensinam, no mínimo, que falar à infância é transmitir do ponto de vista infantil; que uma literatura destinada à infância não se completa senão com a presença da criança no narrado. E é despojando-se de qualquer retórica que o autor consegue, sempre se travestindo no mais ingênuo narrador, chegar ao grau de comunicação inequívoca com seu destinatário. (ABDALA E CAMPADELLI, 1982, p. 104).

O autor demonstra uma forte preocupação com a questão da falta de leitura no Brasil, uma temática que aparece em diversos livros e foi abordada em várias campanhas promovidas por Ziraldo, utilizando cartuns, cartazes e folders. Um exemplo é o cartaz "Vamos fazer do Brasil um país de leitores", que apresenta a professora maluquinha e, no verso, contém as páginas de um pequeno livro que incentiva a leitura. Além disso, no livro *Uma professora muito maluquinha* (1995), ele apresenta uma perspectiva bastante diferente sobre o ensino e a educação, em contraste com o tradicionalismo ou modismos que influenciaram a educação em nosso país.

Vários personagens do escritor não possuem nomes próprios, contendo um perfil comum e genérico, mas com marcas profundas de individualidade, o que confere a ele um estilo único na criação de seus personagens, tanto literária quanto pictoricamente. Nos exemplos incluem um menino, um bichinho, uma vovó, uma professora... figuras nas quais qualquer leitor pode se identificar. O leitor é surpreendido pelos recortes apresentados no texto e nas ilustrações, que acrescentam novos detalhes à obra, também criada por ele como artista plástico. Ziraldo valoriza todos os elementos que inclui, diversos deles tão sutis que o leitor necessita ser alertado pelo narrador ou pelo escritor sobre sua presença, pois estão ali para fazer a diferença.

Duas escritoras, assim como Lobato e Ziraldo, possuem relevância nesse cenário literário destinado ao público infantojuvenil. Trata-se de Cecília Meireles e Lygia Bojunga. Esta última, assim como Ziraldo, tem no público infantojuvenil, o direcionamento de suas obras, enquanto a primeira, tal qual Lobato, escreveu também para os adultos. No tocante ao público infantojuvenil, as duas escritoras citadas projetam em suas criações temas sobre a condição humana e seus dramas, algo em comum com o autor protagonista desse trabalho, Assis Brasil, que será mais aprofundado a seguir.

2.3 Assis Brasil na Literatura Infantojuvenil do Piauí

Francisco de Assis Almeida Brasil, mais conhecido como Assis Brasil, nos traz a possibilidade de enxergar o humano em suas obras direcionadas ao público infantojuvenil de uma forma bem natural, apresentando personagens que facilmente se identificam com leitores e leitoras.

O escritor mencionado é romancista, cronista, crítico literário e jornalista. Foi ocupante da cadeira nº 36 da Academia Piauiense de Letras. O Autor tem mais de 100 obras publicadas, entre as direcionadas ao público infantojuvenil temos, por exemplo: *Um poeta chamado Grilo* (2009); *O gato maluquinho que amava uma borboleta* (2013) e *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta* (2008), que foi escolhida para ser abordada neste trabalho. Ademais, o personagem dessa obra se faz presente em outras de suas ilustres obras. Entre os prêmios recebidos estão o Prêmio Nacional Walmap (1965) e o Prêmio Machado de Assis (2004).

O estudo em volta da literatura piauiense de Assis Brasil merece ser destacado, pois é necessário que a literatura do escritor seja reconhecida, levando

em conta a relevância da formação de leitores, e o auxílio para o fortalecimento da identidade cultural do Estado.

Podemos observar que, nos anos 80, Assis Brasil teve o período mais produtivo de sua carreira na publicação de obras para jovens leitores, que coincidiu com o momento de maior abertura política, o fim da censura que acontecia no regime ditatorial, tendo esse durado vinte anos no país. Nesse mesmo período, a literatura infantojuvenil no Brasil estava passando por uma renovação, com o aparecimento de muitos novos autores e obras, um fenômeno que ficou conhecido como o "boom da literatura infantojuvenil" (COELHO, 1995, p. 64).

De acordo com Assis Brasil (SAPIÊNCIA, 2007, p. 7), toda a sua produção literária, incluindo a voltada para o público infantojuvenil, está centrada na denúncia social, embora essa temática se manifeste de forma mais evidente em sua literatura para adultos, especialmente em obras como *Beira rio beira vida* e *Os que bebem como os cães*. Em uma perspectiva temática, as histórias para crianças e jovens de Assis Brasil são caracterizadas pelo ambiente geográfico (lugares rurais e urbanos), pela relação entre seres humanos e natureza, pelo conhecimento da cultura indígena, pela relação entre adultos e adolescentes, pela descoberta do amor entre jovens, pela curiosidade sobre a ciência, entre outros assuntos. Em todas as histórias, a ligação entre a realidade e a fantasia possui significado no processo de compreensão acerca do mundo e da condição humana.

3 GAVIÃO VAQUEIRO: A JORNADA DO HERÓI E A TENTAÇÃO BÍBLICA

A obra *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, publicada em 2008, pelo escritor Assis Brasil, é mais uma aventura de Gavião, que começou em *Um preço pela vida*, quando o personagem ainda era chamado de José Quinquinhas. No seu passado, há um piauiense que, por necessidade de sobrevivência, segue a procura de melhores oportunidades na Amazônia. Todorov define esse fato de termos uma narrativa que se originou de outra narrativa como narrativas encaixantes, onde ser a narrativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através do encaixe (TODOROV, 2003, p. 126). É diretamente nessas inserções de narrativas, que os eventos são organizados pela memória, que temos a obra.

Na narrativa de Assis Brasil, o personagem Gavião Vaqueiro incorpora, segundo o autor, as características e os princípios de um indivíduo extraordinário:

amizade, persistência, honestidade, amor e serviço ao próximo, vivendo de forma plena o presente, levando muito a sério o pensamento indiano que afirma "O homem que vive o seu momento, nunca envelhece, é sempre inocente, curioso, maravilhado. Cada momento é uma surpresa, uma revelação". Na sua jornada, Gavião Vaqueiro acaba se perdendo na floresta e enfrentará diversos obstáculos, como fome, sede, solidão e medo.

Segundo Assis Brasil, a particularidade desta história é que ela foi, de fato, sonhada por ele em todos os detalhes presentes nela. Ele afirma que só deu trabalho para que ela fosse escrita. O autor era fascinado por ecologia, não apenas em seus sonhos, mas também na sua escrita. A obra mostra, desde as primeiras linhas, a característica de um tempo que não segue a ordem cronológica dos eventos, mas sim o tempo confuso da memória. Os acontecimentos são mencionados na história através da lembrança de um passado que se mistura com o presente.

Para Benjamin (1994), a narrativa envolve o objeto na vida do narrador para depois removê-lo dele. Dessa forma, a identidade do narrador é impressa na narrativa, assim como a mão do oleiro na argila do vaso. Nesse tipo de criação, podemos afirmar que o narrador é influenciado pelas emoções do autor e vai moldando sua história de lembranças e realizações.

A obra abordada é tomada como objeto de estudo deste trabalho, tendo como fio condutor A Jornada do Herói, que por sua vez, é um conceito que se baseia no livro *O Herói de Mil Faces* (2007), escrita pelo especialista em mitologia Joseph Campbell e apresentada em 1949. Campbell, com seus estudos de mitologia no livro citado, identificou os passos da "Jornada Mítica do Herói", uma espécie de história oculta dentro de todas as histórias, basicamente um esquema narrativo que estaria presente em quase todas as fantásticas histórias narradas pelos seres humanos, a partir dos mitos de criação, passando pelos contos de fadas e chegando até os sucessos de Hollywood.

Ao discutir sobre o herói, Campbell (2007) diz que ele é um "homem de submissão autoconquistada" (p. 12) e poderes divinos estiveram sempre no seu coração, sendo sua condição heroica algo que já estava destinado (p. 168). O herói representa o "homem eterno aperfeiçoado, que não é específico e é universal". (CAMPBELL, 2007, p. 13). Aqui, observamos que sua visão de herói condiz com aquilo que foi apresentado sobre Gavião Vaqueiro anteriormente, pois o mesmo se configura como o herói presente nesse esquema narrativo.

Depois de analisar minuciosamente os diferentes heróis mitológicos e suas jornadas, Campbell (2007) propõe um argumento em que os principais mitos irão seguir uma estrutura comum, com semelhanças em suas buscas. No que diz respeito a esse argumento, Campbell chamou de monomito. Ao fazer a descrição do monomito, que se divide em arquétipos do herói, Campbell começa a observar os estágios de sua jornada, desde o convite para a aventura, o encontro com o sábio ancião, atravessando as missões e provas heroicas que o mito deve afrontar até chegar ao ponto mais obscuro para enfrentar o desafio final. Sua estrutura é usada por roteiristas e escritores para desenvolver histórias cativantes e envolventes sobre um personagem.

Este aspecto da jornada do herói, considerando algumas etapas e estágios, será realizado em seguida. Paralelo à abordagem da jornada do herói, utilizaremos a aproximação do personagem Gavião Vaqueiro com a figura de Jesus Cristo, pois, assim como Jesus Cristo foi lançado no deserto, sendo tentado diversas vezes pela figura do Diabo, Gavião Vaqueiro também passará por uma fase de tentação perdido no meio da mata coberta por intensa neblina. A tentação de Cristo é um episódio da vida de Jesus relatado por três dos quatro evangelistas do Novo Testamento, Mateus (4: 1-11), Marcos (1: 12-13) e Lucas (4: 1-13).

3.1 A trajetória de Gavião Vaqueiro por meio da criação de Campbell

A partir da discussão das obras de interesse deste trabalho, torna-se relevante destacar alguns fragmentos dentro da obra de Assis Brasil, que tragam à luz o que foi proposto por Campbell em seu esquema narrativo, no qual alguns de seus estágios/etapas irão se fazer presentes na narrativa de Gavião Vaqueiro e serão apresentados a seguir, trazendo, com isso, uma compreensão sobre a Jornada de Herói do protagonista.

Como dito anteriormente, aquilo que acontece na obra de Assis Brasil, deve-se ao fato de a lembrança de Gavião mesclar passado e presente.

Havia dois motivos para eu voltar ao vale do Araguaia: uma visita prometida a dois índios, amigos meus, e a procura de um punhal, perdido na floresta quando de uma caçada a uma onça negra. Os motivos da volta eram fortes, pois tanto os índios quanto a arma branca me tinham marcado muito num passado recente. (BRASIL, 2008, p.11)

Esse fragmento da obra apresenta dois dos estágios/etapas da jornada do herói de Joseph Campbell. O primeiro estágio observado é o intitulado “Mundo Comum” que apresenta o começo da história, o momento em que o público se familiariza com o personagem, que é Gavião Vaqueiro. Percebemos também nesse fragmento que são revelados traços da personalidade do personagem como a determinação e outros elementos que podem criar um vínculo com o público como o retorno a um lugar especial. O leitor ou leitora, assim como Gavião Vaqueiro, certamente guarda em sua memória um lugar ao qual desejaria retornar para rever pessoas ou ir em busca de coisas perdidas ou abandonadas.

Nesse mesmo excerto da obra, é possível verificar o segundo estágio da jornada do herói ou monomito, intitulado “Chamado a Aventura”. Notamos que o protagonista ou herói recebe um convite para sair de sua zona de conforto. Este convite ou chamado, na obra, vem em forma de duas promessas que o Gavião Vaqueiro havia feito a ele mesmo: a visita aos amigos indígenas e a procura do punhal perdido. As duas promessas simbolizam buscas necessárias ao herói, pois estão associadas a elementos que, para ele, são de muito valor sentimental. O chamado do herói, de acordo com Campbell (2007) pode ocorrer de várias formas:

[...] o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura [...]; da mesma forma, pode ser levado ou enviado para longe por algum agente benigno ou maligno [...]. A aventura pode começar como um mero erro, como ocorreu com a aventura da princesa do conto de fadas; igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem. Os exemplos podem ser multiplicados, *ad infinitum*, vindos de todos os cantos do planeta. (CAMPBELL, 2007, p. 66).

Dessa forma, em *Gavião Vaqueiro: o bom ladrão da floresta*, o chamado a aventura é prontamente atendido pelo herói, que se sente incentivado a abandonar o local onde vive para seguir um trajeto que, embora não seja novo, torna-se novo devido à impossibilidade de se saber o que esta nova jornada trará para nosso herói.

Ele age por conta própria, mas impelido pela vontade de rever os amigos, inclusive um antigo amor com o qual deseja construir uma nova vida, e pela vontade de reaver o punhal-estrela que havia perdido e que assim se chamava por ter sido forjado por um ferreiro a partir de um meteorito de Cuiabá. O punhal, assim, torna-se único não apenas pelo material do qual foi feito, mas também por ter sido um presente dado pelos amigos indígenas que precisava rever.

“A Travessia do Primeiro Limiar” representa outro estágio ou etapa do herói. Este, tendo aceitado o chamado à aventura, precisará passar de uma região conhecida para uma desconhecida. Segundo Campbell (2007, p. 85):

A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competências e coragem verão o perigo desaparecer.

Na obra em questão de Assis Brasil, Gavião Vaqueiro precisa chegar em determinado ponto; ou seja, o vale do Araguaia, onde fica a fazenda de seus amigos, “a bela índia mestiça Tury e seu avô, Kunle, uns kaiapós donos de pequena fazenda naquele vale” (BRASIL, 2008, p. 12). No entanto, para alcançar o vale era necessário enfrentar alguns trajetos, em especial a mata repleta de neblina que ficava depois da Fazenda Taturana do coronel Francelino. Nela, Gavião Vaqueiro foi recebido pelo capataz, o sr. Ananias que o alimentou e lhe deu recomendações sobre a mata que teria que enfrentar adiante para chegar até seu destino:

— Não tem chovido, Gavião Vaqueiro, mas esta neblina está muito forte. Não vá se perder. Se encontrar dificuldade, volte pra cá. Esta neblina é o que os caçadores chamam de chuva branca. Dura muitos dias e até os bichos se perdem na mata. Agradei pelo bom almoço de seu Ananias e pelas recomendações e fui em frente - com as notícias do capataz, eu estava ainda com mais pressa de chegar logo à fazenda de Kunle. (BRASIL, 2008, p. 26).

A mata carregada da famosa neblina, denominada de chuva branca, significa para o herói a passagem do conhecido para o desconhecido; ou seja, “A travessia do primeiro limiar”, imposto para o herói em sua jornada. A partir deste ponto, Gavião Vaqueiro estará em terreno dotado de forças perigosas e possuidor de vários riscos. Resta agora saber se o herói terá a devida competência e coragem para a travessia

imposta. Aqui, é o momento em que, na jornada do herói, aparecem os auxiliares. O auxílio ao herói pode vir de diversas maneiras, seja por mãos humanas ou mágicas, seja recebendo ou não algum amuleto de proteção. O Sr. Ananias, o capataz, é um dos auxiliares, pois ele prepara o herói para a jornada que terá que enfrentar, fortalecendo seu corpo, com o alimento necessário, e o espírito, revelando-lhe os desafios pela frente e dando-lhe as orientações para enfrentá-los.

Os auxiliares são mentores que impulsionam o herói à realização de sua jornada. Ananias é um deles, mas, na narrativa de Assis Brasil, o indígena Kunle é também um mentor especial. Estes auxiliares ou mentores que impulsionam o herói são verdadeiras fontes de sabedoria e podem ou não fornecer algum objeto mágico ao herói. É possível que o punhal-estrela que Gavião Vaqueiro havia perdido e que motiva sua jornada e está ligado à Tury e a Kunle seja uma espécie de amuleto, pois foi por causa dele que o vaqueiro conseguiu escapar da morte na luta com uma onça, onde veio a perder o punhal depois de ficar desacordado e quase morto e ter se restabelecido graças aos cuidados dos dois indígenas, Tury e Kunle. Ou seja, é Kunle que restabelece Gavião Vaqueiro à vida para que ele possa empreender sua jornada mais tarde.

O velho Kunle, avô da indígena Tury, prometeu a Gavião Vaqueiro que, quando ele voltasse ao vale Araguaia, os dois iriam juntos procurar o punhal-estrela perdido após a luta de Gavião Vaqueiro com a onça. É Kunle que dá a dica de onde o punhal-estrela possa estar.

Vamos procurar juntos o seu punhal-estrela. Aqui neste vale existe um macaquinho, muito esperto, que coleciona objetos achados na floresta. Coquinhos, seixos dos igarapés, as folhas grandes do jatobá, cabaças, essas coisas. (BRASIL, 2008, p. 12)

Neste momento da narrativa, que destaca a lembrança de um dos mentores, o indígena Kunle, é também o momento em que o herói se direciona à Fazenda Taturana. Em suas lembranças, Gavião Vaqueiro também se recordar de outro mentor, Doutor Quizila, um amigo de andanças e aventuras, que reconhecia o espírito aventureiro de Gavião, mas sabia também que, nele, a vontade de servir ao próximo era maior ainda. Ao falar da vontade de aceitar o convite de Kunle, sendo sócio dele na fazenda, para sossegar e construir uma vida com Tury, ele ouve do Doutor Quizila as seguintes palavras:

— Mas ainda não pode ser. Não é mesmo, Gavião Vaqueiro? Não é bem pelo seu espírito aventureiro, que é forte em você, mas por outro tipo de sentimento: o de servir, o de ser útil. Sei que a servidão humana é bem marcada em você. (BRASIL, 2008, p. 15)

Observamos nestes trechos que os auxiliares ou mentores funcionam como a voz da consciência do herói a guiá-lo. Geralmente, eles são anciãos ou anciãs. No caso de Gavião Vaqueiro, tanto o sr. Ananias, quanto o indígena Kunle e o Dr. Quizila são pessoas já idosas, portadoras de grande experiência e sabedoria. Para entender melhor esse estágio denominado “Encontro com o Mentor”, mesmo o herói, no caso Gavião Vaqueiro sendo o protagonista, ele não está só para enfrentar aquilo que virá pela frente, pois na história haverá personagens para dar aquele impulso que ele precisa e isso pode vir através de dicas e conselhos como foi visto no primeiro fragmento dessa etapa, em que o Sr. Ananias orienta Gavião a respeito da chuva branca da mata ou o conhecimento de Kunle a respeito dos seres da floresta e o desaparecimento de seu objeto precioso, como também pode vir em forma de experiência de vida, como a revelação que Doutor Quizila faz a Gavião sobre ele mesmo, mostrando-lhe coisas que talvez nem ele mesmo conhecia sobre si, fazendo com que o personagem principal construa uma autoconfiança necessária para encarar sua missão.

Tendo se dado o encontro com os mentores que auxiliam e impulsionam o herói a aceitar o chamado à aventura e tendo se dado também o início da aventura ou da jornada do herói com a caminhada em direção à mata que desde o primeiro momento já é caracterizada como um território hostil.

O frio úmido da mata me tirou o sono por longo tempo. Meu cavalo, amarrado ao lado, continuava inquieto, como se pressentisse algum perigo [...]. Talvez não fosse nada de especial, embora sentisse, desde que entrara naquele território, algo estranho no ar. Era época de chuva, mas não havia chuva, apenas uma neblina forte, quase escura. (BRASIL, 2008, p. 21).

Vogler (2006), em uma releitura da jornada do herói de Campbell (2007), no livro *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*, enumerando esta jornada em doze estágios, ao falar do estágio cinco, “A travessia do primeiro limiar”, afirma que o movimento real em direção à travessia do primeiro limiar é um ato voluntário do herói. Embora ele receba todos os conselhos, conhecimentos e/ou presentes do ou dos mentores, o herói não os aceita de imediato, é necessário que

algum evento de fora ou proveniente dele mesmo acione este movimento real em direção à jornada. Ao entrar na mata e se deparar com a forte neblina, Gavião Vaqueiro poderia ter voltado para a Fazenda Taturana como aconselhou o sr. Ananias, mas resolveu ficar aceitando verdadeiramente o chamado à aventura.

À proporção que me afastava da Fazenda Taturana, aquela estranha chuva branca, que não molhava, mas escurecia tudo, mais se adensava dificultando a minha marcha por entre caminhos estreitos de pedregulhos e margens alagadiças de alguns igarapés. (BRASIL, 2008, p. 28)

Gavião Vaqueiro até pensa em voltar, mas como bem disse o Doutor Quizila a respeito de nosso herói, a servidão humana é o seu forte. Ao pensar em Kunle e Tury que poderiam estar precisando da ajuda dele, reitera sua vontade de prosseguir. Nesse primeiro instante, um acontecimento que era comum na região onde Gavião Vaqueiro estava, a chuva branca, que nada mais era do que neblina densa e forte, foi a responsável por dificultar o caminho que o personagem realizava em direção a sua jornada de aventura. Aqui, um evento de fora vem fortalecer a estada do herói no estágio cinco que é “A travessia do primeiro limiar”.

Fiquei caído no chão, espantado com o acontecimento—tudo fora rápido e surpreendente, e só passados alguns minutos senti toda a situação em que me encontrava. Estava a pé, sem o meu cavalo e os meus mantimentos e armas. Tudo estava nos embornais da sela. (BRASIL, 2008, p. 30).

A situação de Gavião não era das melhores. Retornar à Fazenda Taturana, para a casa do sr. Ananias era a saída, mas a neblina se adensara mais ainda e a solução foi pernoitar ali mesmo onde estava. Neste momento, a experiência de vaqueiro lhe rendeu uma caixa de fósforos à mão, embora conseguisse acender um fogo sem qualquer auxílio de fósforos. Por outro lado, se deu conta de que já havia passado por muitos apertos na floresta, mas aquele era único e tinha uma áurea de mistério. Ademais, aquela era sua primeira experiência com uma “chuva branca”.

Esta neblina simboliza na narrativa o guardião de limiar. Segundo Vogler (2006, p. 133-134):

Ao se aproximar do Limiar, provavelmente [o herói] vai encontrar seres que tentam impedir sua passagem. São os chamados Guardiões de Limiar, um arquétipo poderoso e útil. Podem surgir para bloquear o caminho, em qualquer ponto da história, mas tendem a ficar junto a portas, portões e desfiladeiros próximos das travessias de limiar.

A neblina dificulta a entrada de Gavião Vaqueiro na floresta, dificultando também sua jornada. Para Vogler (2006), os guardiões de limiar fazem parte do treinamento do herói. De fato, neste momento Gavião é testado, pois se encontra sem armas, sem mantimentos e sem locomoção, pois seu cavalo havia fugido. Seria loucura continuar, mas o inusitado acontece, revelando que a jornada do herói se inicia de fato, dando entrada à fase seguinte em que nos deparamos com o estágio: “Testes, aliados, inimigos”. Desprovido de tudo, Gavião Vaqueiro, milagrosamente passa a ser atendido em todas as suas necessidades.

Não tinha visto árvore frutífera alguma por ali e no entanto... aqueles muricis e saputás estavam, como por milagre, em cima daquele tronco velho de árvore. — ‘Alguém colocou as frutas ali’. Ao pensar nisso, fiquei todo arrepiado. Mistura de medo e alegria tomava conta de mim. (BRASIL, 2008, p. 47- 48)

Após os acontecimentos tenebrosos que tinha passado na floresta, momentos esses que lhe fizeram questionar se esse seria o fim de sua vida, em que sentia fraqueza, suas forças faltavam, e a sede e a fome dominavam o seu corpo, foram surgindo esperanças no seu trajeto, conseguiu saciar a sede através de folhas de saputá que encontrou com água dentro e pôde se alimentar de frutas que também foram achadas no caminho.

Nos fragmentos apresentados e abordados onde se destaca o estágio chamado “Provas, Dificuldades e Aliados” ou, na terminologia de Vogler (2006), “Testes, aliados, inimigos”. Neste estágio, conforme o tempo avança, o protagonista enfrenta desafios e os supera com o apoio de seus aliados. Da mesma maneira, os inimigos desempenham um papel crucial, pois preparam o herói para superar e lidar com problemas cada vez mais complexos. O inimigo nesse caso pode ser revelado de inúmeras formas como, por exemplo, a “chuva branca” que atrapalha seu percurso na floresta. Entre as provas, dificuldades e testes, está a fome e a sede.

A sede e a fome já me atacavam de perto. Não tinha visto frutos no jatobazeiro. Parecia estar numa região sem fruteiras, sem castanhas ou raízes comestíveis. O fato concreto: eu precisava beber um pouco d'água ou não resistiria por muito tempo. (BRASIL, 2008, p. 38)

Neste estágio, como vemos, o herói deverá passar por sucessões de provações e embora ele já tenha experienciado muitas aventuras em sua vida, como é o caso de Gavião Vaqueiro, aqui tudo parecerá novo, inédito e assustador. É o momento que o

herói se vê a deriva e busca aliados para vencer as provações, a fé é um desses aliados. Percebemos a busca da fé em Gavião Vaqueiro:

Na aflição a gente sempre pede as coisas a Deus, mas nunca agradece se não tiver recebido algo antes. Estranho, mas sempre me envergonhei dessa atitude humana. Agradecer a Deus pelo dom da vida... [...].

Ajoelhei-me e me curvei sobre mim mesmo e rezei um Pai-Nosso, a oração que Jesus ensinou aos apóstolos. (BRASIL, 2008, p. 48-49)

Neste estágio, os aliados são um elemento muito importante para que o herói possa passar pelas provações (testes, dificuldades, inimigos). Gavião Vaqueiro sabia que, para além da providência divina, havia alguém ou algum ser que o provia de tudo o que precisava na floresta. Ele chega a se questionar: “Quem poderia estar fazendo isso? E por que não aparecia? Por que estava me ajudando? Ou tudo não passara de simples coincidência?” (BRASIL, 2008, p. 48). Atribui os fatos ao Deus bíblico e chega a pensar nas profecias indígenas: “Alguns índios acreditam num espírito-camarada, que acompanha as pessoas para todos os cantos. É uma espécie de anjo-da-guarda” (*idem*, p. 49).

As lembranças de pessoas queridas também são fortes aliadas neste estágio de provações. Depois de passar por fome, sede, frio, medo e desespero diante da possibilidade de morrer, Gavião Vaqueiro se apegava às lembranças das pessoas que lhe são ou foram valiosas. Primeiro vem a lembrança da mãe, vaticinando que ele seria um homem bom. Em seguida, veio a de Kunle e Tury. Quem sabe Kunle possa estar na mata caçando, ele pensa. Depois grita pelo Doutor Quizila e lembra de seus conselhos sábios. Lembrou de Kaíto, um amigo indígena do Xingu distante e do sr. Ananias. Em todas essas pessoas, via o desconhecido que o servia e o protegia naquela floresta.

A partir do exposto, fica evidente que esse estágio simboliza a adversidade mais intensa que o herói enfrenta. Entre os inimigos, a onça que o persegue pela floresta é o maior deles, mas o ser misterioso que o ajuda e guia o livra também da onça. É fugindo da onça que Gavião Vaqueiro vai encontrar a caverna de seu protetor e finalmente o conhece. Esse estágio de provações tem o objetivo de desafiar ao máximo o herói, proporcionando a ele uma experiência de quase morte, mas que vem acompanhada de redenção, como evidencia o segundo trecho mostrado.

Após enfrentar a provação, chega “A Recompensa”, que é o estágio seguinte da Jornada.

E eu sabia, podia sentir agora, que fora aquele simpático muriqui que me ajudara – logo mais, lá dentro da gruta, eu comprovaria o fato. Olhei para ele, sentado numa pedra me observando, e disse: - Obrigado, amigo. (BRASIL, 2008, p. 93)

Torna-se notório por meio dessa passagem, que Gavião Vaqueiro consegue identificar quem lhe auxiliou em sua jornada de sobrevivência na floresta e através disso, adquiriu um conhecimento mais amplo sobre tudo que tinha lhe ocorrido, inclusive os mistérios. Por isso essa recompensa se comprova, pois ela pode ser representada de várias formas: através de uma aquisição de conhecimentos e novas experiências.

Que coisas mais bonitas você tem aqui, meu amigo. Qualquer bicho ou gente se envaideceria com este rico tesouro. E, então, a surpresa maior. Quase à entrada, do outro lado, em cima de uma pedra enorme, roliça e polida, estava... o meu punhal-estrela. (BRASIL, 2008, p. 96)

Neste ponto da narrativa, Gavião Vaqueiro se encontra com um dos segmentos de sua busca: o punhal-estrela. Aqui, é o momento em que o herói se reconcilia consigo mesmo e com a natureza que o ajudou a completar sua jornada de autoconhecimento e de renovação de si. Ele, então, faz as pazes com o passado e estará pronto para o encontro com Tury, reconciliando-se com ela também.

Finalizaremos a compreensão da trajetória de Gavião Vaqueiro, por meio do estágio de Campbell, intitulado: “O Caminho de Volta”. Ao se deparar com o punhal-estrela, ele percebe que sua busca, na verdade, era outra. Cabe a ele agora recompensar quem o ajudou a encontrar o que realmente importava, o autoconhecimento.

— Este punhal é seu, pra enfeitar um pouco o seu tesouro. Sei que não se compara com as coisas belas da natureza que você tem aqui. Mas ele veio de uma estrela distante, viajou pelos espaços, e seu cabo de madrepérola foi feito de uma ostra do rio. Estirei para o macaquinho o punhal e acrescentei: — Ele agora é seu, por direito e por consentimento meu. Sei que nenhum estranho entrará aqui para roubá-lo. (BRASIL, 2008, p. 104)

Esse último estágio apresentado, mostra que o dever do herói sempre fala mais alto e ele acaba por proteger os demais, nesse caso a proteção foi destinada ao

macaquinho muriqui, seu grande aliado na jornada, que foi responsável por lhe ajudar a enfrentar todos os obstáculos que apareciam em seu caminho na floresta.

Por intermédio de tudo o que foi explanado, compreende-se então, que Gavião Vaqueiro pode ser visto como mais um dos heróis contemplados pelo esquema narrativo de Campbell, pois boa parte de seus estágios puderam ser encontrados e comprovados na sua história.

3.2 Representação Bíblica

A comparação refere-se ao processo pelo qual o ser humano estabelece analogias entre duas ou mais obras literárias, permitindo a análise interpretativa de textos produzidos em diferentes épocas, o que viabiliza um estudo literário.

De acordo com Carvalhal (2006), a comparação, mesmo nos estudos comparativos, é um instrumento, não um objetivo. Este trabalho utiliza esse meio para evidenciar semelhanças entre o episódio bíblico em que Jesus Cristo foi tentado no deserto e a experiência tumultuada de Gavião Vaqueiro em sua jornada pela floresta.

A tentação de Cristo aconteceu logo após seu batismo por João Batista, conforme descrito no Evangelho de Marcos. Dessa forma, Jesus deu início à sua vida pública. Por meio do batismo ele se identificou publicamente com o grupo de pessoas que João reconhecia estar moralmente preparadas para o Reino (GUNDRY, 2001, p. 17). Após o batismo, Jesus foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto da Judéia para ser testado por Satanás. “E ali estive no deserto quarenta dias tentado por Satanás”. (BÍBLIA, Mc, 1,12.13)

Os três Evangelhos relatam a tentação sofrida, mas apenas os livros de Mateus e Lucas oferecem uma descrição detalhada (TENNEY, 2010, p. 182). Esse evento ocorreu entre 26 e 27 d.C. Jesus parte da glória do batismo, para a provação no deserto e é a partir desse ponto onde começa-se a enxergar um pouco de Gavião Vaqueiro, pois ele saiu da sua zona de conforto, para algo que iria testar o seu próprio eu, voltando depois desta jornada um homem renovado.

O Jesus humano foi enfraquecido por causa da sua condição debilitada no deserto, após quarenta dias de jejum e precisava ser tentado para enfrentar a prova do livre-arbítrio, da liberdade e da voluntariedade: “Durante quarenta dias, sendo tentado pelo Diabo. E naqueles dias não comeu coisa alguma; e terminados eles, teve fome”. (BÍBLIA, Lc, 4,2)

Compreende-se que esse deserto apresentado na situação vivida por Cristo não é apenas um lugar físico. Assim como na obra de Assis, nota-se que esse ambiente vai além do cenário florestal onde Gavião Vaqueiro realizou o seu percurso, ele é basicamente o seu deserto interior, experimentado por meio da sua fragilidade.

A palavra "deserto" na Bíblia possui um significado profundo e multifacetado. Literalmente, refere-se a uma região seca e árida, como o deserto do Sinai, onde os israelitas perambularam por 40 anos após deixarem o Egito. Contudo, de maneira figurada, o deserto também representa um espaço de provação, reflexão e dependência de Deus: "E disse-lhe: tudo isto te darei, se prostrado, me adorares". (BÍBLIA, Mt, 4,9)

Nesse momento da tentação, o Diabo ofereceu os reinos do mundo e sua glória a Jesus se Ele fizesse aquilo que ele lhe pedia, porém Jesus recusou: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás" (BÍBLIA, Mt, 4,10).

Percebe-se que mesmo diante da sua fragilidade física e da provação que o deserto apresentou, onde o inimigo se tornou o seu principal obstáculo, Jesus não desistiu e perseverou, para que pudesse terminar seu trajeto, para assim ser aprovado pelo Pai, da mesma forma que Gavião Vaqueiro lutou para conseguir sair daquele cenário de dificuldade e alcançar seu destino.

Depois da tentação no deserto: "Então o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos, e o serviam" (BÍBLIA, Mt, 4,11). Observa-se no versículo acima que apesar do cenário ser visualizado como algo complexo, o bem triunfou sobre o mal, Jesus se fortificou através da dificuldade e foi recompensado, assim como Gavião Vaqueiro foi recompensado pelo seu anjo da guarda, o macaquinho Muriqui.

Podemos sinalizar que na narrativa do escritor piauiense, o animalzinho era uma espécie de anjo que vigiou toda a jornada de Gavião Vaqueiro, permitindo que o personagem aventureiro passasse pelas adversidades, para que no fim produzisse força, resiliência e sabedoria, contemplando uma das lições que se pode ter em relação a palavra deserto dentro do Livro Sagrado, mais precisamente em (Isaías 35:1) onde o deserto se torna um lugar fértil e bonito, algo que esse episódio de Cristo mostrou, pois o cenário contrário, proporcionou a concretização de algo maior.

Além do que foi abordado torna-se interessante destacar que na obra objeto de estudo deste trabalho: *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, Assis Brasil traz um pequeno trecho bíblico inserido em sua narrativa, que possibilita o leitor identificar

o sentimento da fé, fazendo com que o entrelaçar dessas literaturas fique ainda mais fascinante: “— Para tudo há um tempo determinado” — me dissera um dia Doutor Quizila — ‘Há um tempo para todo assunto debaixo dos céus; tempo para nascer e tempo para morrer; tempo para chorar e tempo para rir’” (BRASIL, 2008, p. 105)

Conforme essa passagem de inspiração bíblica, o autor possibilita o leitor a refletir de que assim, como na sua história, tudo é um processo, e é com o tempo que as mudanças vão acontecendo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise realizada, observa-se que a obra de Assis Brasil: *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, pode ser conectada tanto com a Jornada do Herói de Campbell, quanto ao episódio bíblico da tentação de Cristo no deserto. Ela nos possibilitou enxergar que através do método comparativo e da pesquisa bibliográfica conseguimos descobrir novas ideias e projetar novos caminhos dentro do ramo da literatura, tornando-a ainda mais enriquecedora para a ampliação do conhecimento.

Gavião Vaqueiro é apresentado como um homem aventureiro, que percorreu um caminho, a fim de se reconectar com um passado não tão distante, e por conta disso, pôde revisitar as memórias afetivas que aquele lugar deixou emergidas no seu eu. Mas como nem tudo é simples dentro de uma história, conflitos se fazem presentes onde a narrativa está inserida. Esse fator é algo que anda em conjunto com as proposições de Campbell, quando o autor fala sobre a representação da figura heroica e como ela auxilia na composição de seu esquema narrativo, composto de estágios. A comprovação desses estágios, na obra de Assis, permite que sua escrita se torne ainda mais instigante, movendo passos para a resolução de lacunas que muitas vezes o leitor não consegue identificar.

Ao adentrar num ambiente bíblico, onde crenças e conceitos religiosos saltam a imaginação, verifica-se que esse herói em destaque, o personagem de Gavião, encontra-se na figura de Cristo. Dessa vez, não como alguém que seguiu sua jornada por um motivo de próprio interesse, mas como alguém que foi levado aquele lugar para vivenciar uma vontade do Pai, que se faz grande no texto-fonte, por conta do seu poder e permissão. Os obstáculos sofridos no trajeto de ambos se aproximaram por intermédio do que foi analisado, e fizeram com que os sujeitos, sendo eles agora um,

conseguissem cumprir seu destino, lhe proporcionando um aprendizado maior, onde a força e vigor foram recompensas que lhe foram atribuídas na finalização dessa rota.

Reconhece-se a grandeza de Assis Brasil na construção dessa história, pois sem as marcas de sua desenvoltura, criatividade e astúcia, não seria possível utilizar fontes metodológicas tão eficazes para a concretização e comprovação do objetivo principal deste trabalho. Todas as coisas vistas até aqui foram essenciais para a formação de novos saberes acerca do que de fato é a Literatura Infantojuvenil, e o porquê desse ramo literário ser tão relevante e complementar na aprendizagem do indivíduo em seu período de desenvolvimento crítico.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Benjamin e CAMPEDELLI, Samira. **Literatura Comentada: Ziraldo**. São Paulo: Abril, 1982.

Assis Brasil, renomado escritor parnaibano completa 80 anos dia 18. **Jornal da Parnaíba**, 16 fev. 2012. Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2012/02/assis-brasil-renomado-escriptor_16.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. de Sérgio Paul Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BÍBLIA. Bíblia Pastoral Online, 2019. Disponível em: https://salvaimerainha.org.br/bibliaonline/?utm_source=google&utm_medium=grants.amrc.2&utm_content=biblia.online.pc.t&gad_source=1&gclid=EAlaIQobChMlvtGOsdPNiQMVoINECB0OSTe2EAAYAiAAEgJnbPD_BwE. Acesso em: 24 de out. 2024.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.** Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em: 24 mai. 2024.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL, Francisco de Assis Almeida. **Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta**. Teresina: Nova Aliança, 2008.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX**. São Paulo: USP. 1995.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 2003.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí/RS: Unijuí, 1997.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História E Histórias**, 2ª ed., São Paulo: Ática, 1985.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2015.

PAIVA, Maria Beatriz Facciolla. **Os contos de fadas: suas origens histórico-culturais e implicações psicopedagógicas para crianças em idade pré-escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1990.

SAPIÊNCIA. Assis Brasil: um piauiense que transformou a literatura brasileira. Teresina, FAPEPI, n. 11, p. 6-7, mar. 2007.

SILVA, Daniele Cristina. **Literatura Infantojuvenil**. InfoEscola. Disponível em <<https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SOUZA, Renata Junqueira. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

TENNEY, M. C. **Tempos do Novo Testamento – Entendendo o mundo do Primeiro Século**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

THOMAS, R.; GUNDRY, S. **Harmonia dos Evangelhos** - Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

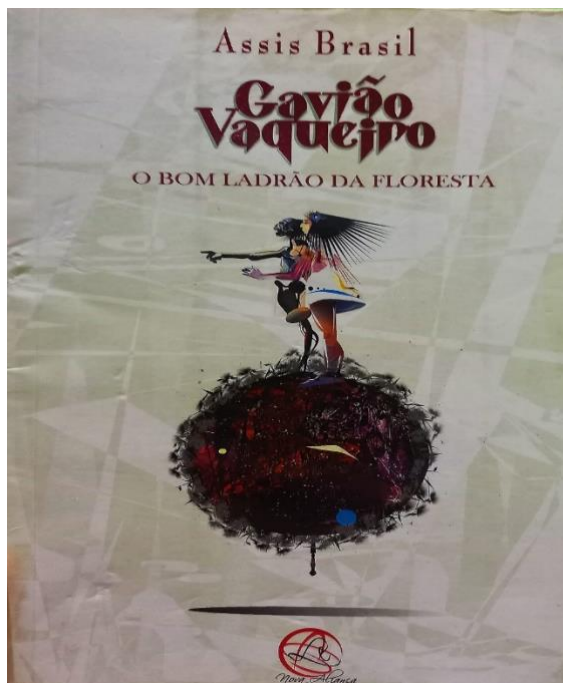
VOGLER, Christopher. **A joranda do escritor**: estruturas míticas para escritores. Tradução e prefácio de Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paulus, 1990

ZIRALDO, **O Menino Maluquinho** - 82ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

ANEXOS

Livro *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*



Textos Auxiliares

